



XVI Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação (XVI ENANCIB)  
ISSN 2177-3688

**GT 2 - Organização e Representação do Conhecimento**  
Comunicação Oral

## **COMUNIDADES DE PRÁTICA E REPRESENTAÇÃO DA PRODUÇÃO DA REDE DE LABORATÓRIOS DA UNIRIO<sup>1</sup>**

### ***COMMUNITIES OF PRACTICE AND REPRESENTATION OF THE UNIRIO LABORATORIES NETWORK PRODUCTION***

**Miriam Gontijo Moraes, UNIRIO**  
miriam.gontijo.moraes@gmail.com

**Resumo:** A categoria de análise Comunidades de Prática é usada para conceituar disciplinas acadêmicas e grupos profissionais dentro de instituições e organizações por estudos sobre o desenvolvimento e partilha de conhecimento. Outros estudos sugerem que o desenvolvimento de formas duradouras de organização seja entravado por dificuldades em manter uma cultura interdisciplinar parcialmente explicadas por posturas que resistem abandonar a perspectiva disciplinar. O universo da rede de laboratórios da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro é um dos muitos espaços que não é caracterizado como unidade de informação, mas a perspectiva de um sistema de comunidades de prática revela a produção de uma riqueza de documentos e conhecimentos constituindo ainda um espaço de memória, saberes e cultura que necessita de ações de identificação, organização e divulgação. A fim de promover as práticas de organização do conhecimento, preservação e educação patrimonial em uma estratégia *botton-up*, partiu-se do pressuposto de que a representação de uma comunidade de prática pelo seu repertório, presente no vocabulário especializado, é um ponto de partida. Buscamos os modos da representação documentária, para um repertório especializado carente de organização. Até o presente momento foram identificadas 126 comunidades de práticas e representados por meio de microtesauros os repertórios de 28 destas. A categoria de análise se mostrou eficiente para atingir os objetivos iniciais de levar à comunidade em geral os esclarecimentos sobre as formas de acesso ao patrimônio documental científico produzido por pesquisadores da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro. Por meio da identificação e do mapeamento das comunidades de prática envolvidas nas atividades de pesquisa da universidade operacionalizamos a construção de uma abordagem de organização e representação do conhecimento produzido que apontam para importantes desdobramentos.

**Palavras-chave:** Comunidades de prática. Organização. Representação. Conhecimento.

**Abstract:** The analysis category Communities of Practice is used to conceptualize academic disciplines and professional groups within institutions and organizations by studies on the

---

<sup>1</sup> O conteúdo textual deste artigo, os nomes e e-mails foram extraídos dos metadados informados e são de total responsabilidade dos autores do trabalho.

development and sharing of knowledge. Others studies suggests that the development of lasting organizational forms is hindered by difficulties in maintaining an interdisciplinary culture explained partly by attitudes that resists to leave a disciplinary perspective. The universe of network of laboratories of the Federal University of the State of Rio de Janeiro is one of the many spaces that is not characterized as an information unit, but the perspective of communities of practice system reveals a wealth of documents and knowledge as well as being a space memory, knowledge and culture that requires identification of actions, organization and dissemination of knowledge. In order to promote the organization of practical knowledge, preservation and heritage education in the academic environment, it puts the question of flexibility in representing the practices involved in the context of scientific research. It started from the assumption that the community of practice's repertoires representation by its specialized vocabulary, is a starting point. We seek the documentary modes representation for a specialized repertoire and lacking organization. To date have been identified under the Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro , 126 communities of practice and represented by microthesauri the repertoires of 28 of these laboratories. The analysis category was efficient to achieve the initial goals to lead the community in general clarification on forms of access to scientific documentary heritage produced by researchers at Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro. By identifying and mapping of communities of practice involved in research activities operationalize the construction of an organization's approach and representation of the knowledge produced that point to important developments.

**Keywords:** Communities of practice. Organization. Representation. Knowledge.

## 1 INTRODUÇÃO

A impossibilidade humana de acumulação e processamento de todo o conhecimento disponível reforça a importância cada vez maior da eficaz organização e representação do conhecimento produzido. A abordagem participativa na organização do conhecimento por meio de comunidades de prática é uma tendência em sociedades que se caracterizam pela complexidade e fragmentação do conhecimento e na constatação de que problemas complexos, como os socioambientais e tecnológicos são solucionáveis apenas com a colaboração e experiência de vários campos.

Estudos direcionados ao entendimento sobre o desenvolvimento e partilha de conhecimento entre grupos (BECHER; TROWLER, 1989; FERLIE et al., 2005) se utilizam da categoria de análise Comunidades de Prática - CoPs<sup>1</sup> para conceituar disciplinas acadêmicas e grupos profissionais dentro de instituições e organizações. Uma primeira noção sobre Comunidade de Prática designa um grupo de pessoas que se unem em torno de um mesmo tópico ou interesse. Essas pessoas trabalham juntas para achar meios de melhorar o que fazem, ou seja, na resolução de um problema na comunidade ou no aprendizado diário, através da interação regular. O conceito de comunidades de prática é utilizado no estudo do capital social nas empresas (MORAES, 2013).

Segundo Terra (2005), o conceito Comunidades de Prática é essencial na era do conhecimento. O conhecimento humano não faz sentido sem o contexto de comunidades, e

evolui a partir do reconhecimento e validação de nossos pares nas comunidades das quais participamos. O Conceito de CoP ajuda a esclarecer como são mobilizados os recursos para a organização e como os participantes compreendem os contextos coletivos (BROWN; DUGUID, 1991; LAVE; WENGER, 1991; WENGER, 1998).

Konig et al. (2013, p. 266) sugerem que o desenvolvimento de formas mais duradouras da organização seja entravado por dificuldades em manter uma cultura interdisciplinar. Outros estudos identificam que essas dificuldades podem ser parcialmente explicadas pelas filiações "tribais" de investigadores que resistem a abandonar sua própria perspectiva disciplinar resultante de anos de dedicação e experiência (FERLIE et al, 2005; GOOCH, 2005). Estes nichos tribais também podem ser avaliados sob as lentes da categoria Comunidades de Prática disciplinares no âmbito de instituições de ensino, pesquisa e extensão.

Para fins deste trabalho, observa-se como evidência empírica a condição da produção científica de uma universidade federal como é o caso da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro-UNIRIO. Como qualquer outra instituição federal de ensino brasileira, a UNIRIO passou por uma avaliação institucional realizada em 2010.

Segundo a avaliação, a instituição apresenta como pontos positivos a existência de laboratórios de pesquisa em todos os prédios, conforme previsto no item sobre Infraestrutura física, especialmente a de ensino e de pesquisa, e o aporte de recursos acrescentados por meio de incentivos das agências de fomento para apoio aos grupos de pesquisa, contribuindo assim para o item de Sustentabilidade Financeira.

Conforme o resultado da avaliação, nas diretrizes do PDI 2012-2016 (2011), a política da UNIRIO para garantir a produção, difusão e preservação do saber em todos os campos do conhecimento prevê o aumento em 10% ao ano na Taxa de crescimento da produção científica, enfatizando que a tendência multi e interdisciplinar deve ser preponderante para, desse modo, favorecer a aproximação produtiva entre docentes de diferentes disciplinas, departamentos e grupos de pesquisa assim como entre alunos de graduação e de pós-graduação, estimular a circulação de ideias e permitir, em suma, a utilização compartilhada e otimizada de recursos físicos (espaços e equipamentos) e intelectuais durante a execução de projetos. (PDI 2012-2016, 2011).

Tendo este cenário como referência, optou-se por trabalhar, de forma exploratória, com os Laboratórios de pesquisa científica da universidade, cuja produção se encontra dispersa e muitas vezes inacessível, quando se faz uma busca superficial, e como objetivos a curto e longo prazos, respectivamente, a identificação e o mapeamento destas comunidades, o desenvolvimento de uma Linguagem Documentária sobre o domínio da produção científica

no âmbito da UNIRIO; e incentivar uma cultura interdisciplinar e de inovação na UNIRIO, no escopo de um projeto de pesquisa na área de Organização do Conhecimento, no âmbito do Programa de Pós-Graduação em Biblioteconomia.

Tais constatações, em um primeiro momento, resultaram na elaboração de um projeto de extensão, a partir da disciplina de Organização de Conceitos em Linguagens Documentárias, com a finalidade de levar à comunidade em geral os esclarecimentos sobre as formas de acesso ao patrimônio documental científico produzido por estas comunidades de pesquisadores no âmbito da UNIRIO, por meio da identificação e do mapeamento das comunidades de prática envolvidas nas atividades de pesquisa da UNIRIO cujo *locus* são os Laboratórios da universidade. O projeto de extensão foi o ponto de partida para o aprofundamento da questão a ser desenvolvida em um projeto de pesquisa sobre Comunidades de Prática, Organização do Conhecimento e Inovação, de natureza interdisciplinar.

Este artigo está estruturado em cinco seções. A apresentação dos fundamentos teóricos que basearam este estudo se encontram na seção 2. Na seção 3, é descrito o referencial empírico do projeto, ou seja, as comunidades de prática da UNIRIO, notadamente a comunidade formada pelos laboratórios que compõem o Centro de Ciências Biológicas e da Saúde, que comporta 68% dos laboratórios mapeados. Na seção 4 é tratada a operacionalização do projeto, aprofundando as estratégias metodológicas para se alcançar o objetivo da representação do repertório de uma comunidade de prática, e apresentando o detalhamento de como esta representação se deu no caso do Laboratório de Cultura de Células. Na seção 5, são tecidos comentários a respeito dos resultados dessa primeira etapa do projeto e aponta para desdobramentos.

## **2 FUNDAMENTOS E REFERÊNCIA EMPÍRICA**

Segundo Wenger (1998), o conceito de comunidade de prática tem as suas raízes em tentativas de desenvolver uma explicação sobre a natureza social da aprendizagem humana inspirada pela antropologia e teoria social (LAVE, 1988; BOURDIEU, 1977; GIDDENS, 1984; FOUCAULT, 1980; VYGOTSKY, 1978).

Mas o conceito de comunidade de prática está bem alinhado à perspectiva da tradição dos sistemas. Uma comunidade de prática em si pode ser vista como um sistema social simples. E um complexo sistema social pode ser visto como constituído por comunidades de prática inter-relacionadas, explica o autor.

Avançando na constituição de uma categoria de análise na perspectiva tanto dos estudos sociais como da cognição, Lave e Wenger (1991) apontam para vários aspectos que nos interessam. O primeiro diz respeito ao fato de que esta categoria pode ser usada para descrever como atividades locais são organizadas e se interligam ao sistema social mais amplo, ou como é que ao tornar membros de comunidades de prática acabamos por negociar e experienciar o significado de pertença a organizações mais amplas. É uma perspectiva que localiza o aprendizado e a produção do conhecimento, não na cabeça ou fora dele, mas na relação entre a pessoa e o mundo. Nessa relação de participação, o social e o indivíduo se constituem um ao outro. No entanto, estes mesmos autores admitem que “o termo comunidade não implica necessariamente co-presença, um grupo bem identificável, ou fronteiras socialmente visíveis” (LAVE; WENGER, 1991, p. 98), apresentando-se então como uma categoria que pode ser usada também para a análise de fenômenos em rede de computadores, no âmbito digital.

Outro aspecto que vai nos interessar é quanto à identificação de três dimensões que caracterizam as comunidades de prática, a partir da análise de vários estudos etnográficos feita por Wenger (1998). As três dimensões interrelacionam-se e ao pensar cada uma delas é necessário ter presente a interação com as outras. São elas: empenhamento mútuo (*mutual engagement*); empreendimento conjunto (*joint enterprise*); repertório partilhado (*shared repertoire*).

A identificação de Comunidades de Prática para fins do projeto de pesquisa e de extensão na UNIRIO deve se orientar por estas três dimensões com destaque para a dimensão do repertório compartilhado, em que os participantes desenvolvem um capital simbólico que além de garantir uma coerência da comunidade, vai de encontro à operacionalização da proposta.

Esclarecemos que a noção de repertório envolve recursos como experiências, ideias, histórias, ferramentas, estilo e formas de lidar com problemas recorrentes, e documentos produzidos e compartilhados. E o resultado é um produto da comunidade e não do indivíduo

Também em outros estudos que relacionam CoPs e ambiente inovador, as comunidades são entendidas como recursos para a organização que apoiam os sucessos e fracassos de formas organizacionais (FREEMAN; AUDIA, 2006, p. 145); e práticas têm sido associadas com a reprodução de formas organizacionais que compartilham do mesmo repertório que produz um sentido para os seus membros (BJØRKENG et al., 2009; GHERARDI, 2009). Mas o que suporta este compartilhamento de sentido em um contexto comunitário produz confusão em outro. Assim, enquanto a colaboração entre as comunidades

pode avançar a aprendizagem e inovação, as diferenças entre as práticas das comunidades que procuram colaborar têm sido descritas como obstáculos para esses resultados (DUGUID, 2005; FERLIE et al., 2005; GERTLER, 2008; NOOTEBOOM, 2008). Nesta perspectiva, a compreensão da dinâmica e tensões subjacentes ao desenvolvimento de novas práticas, e o compartilhamento destas para superar as barreiras à aprendizagem e à inovação em contextos colaborativos é importante.

## 2.1 COMUNIDADES DE PRÁTICA COMO SISTEMAS SOCIAIS DE PRODUÇÃO DO CONHECIMENTO

Conforme Wenger (1998), o engajamento em contextos sociais envolve um duplo processo de produção de sentido. Por um lado, nos envolvemos diretamente nas atividades, conversas, reflexões e outras formas de participação pessoal na vida social. De outro, produzimos palavras, artefatos físicos e conceituais, ferramentas, métodos, histórias, documentos, links para recursos e outras formas de reificação que refletem nossa experiência compartilhada e em torno da qual organizamos a nossa participação (literalmente, reificação significa "tornar em um objeto."). A aprendizagem significativa em contextos sociais exige participação e reificação para a interação. Artefatos sem participação não carregam o seu próprio significado; e participação, sem artefatos, é fugaz, sem suporte e descoordenada.

Participação e reificação representam duas linhas entrelaçadas, mas distintas de memória. Ao longo do tempo, sua interação cria uma história social da aprendizagem, que combina aspectos individual e coletivo. Essa história dá origem a uma comunidade definida por seu "regime de competência", que é um conjunto de critérios e expectativas pelos quais reconhecem a adesão. Um dos critérios para esta adesão é usar adequadamente o repertório de recursos que a comunidade tenha acumulado através da sua história de aprendizagem.

Comunidades de prática, naturalmente, não estão isoladas; elas são parte de sistemas sociais mais amplos que envolvem outras comunidades (bem como outras estruturas tais como projetos, instituições, movimentos, ou associações). Assim, o mundo social inclui práticas inumeráveis; e vivemos e aprendemos através de uma multiplicidade de práticas.

Aprendizagem como produção de prática cria limites, não porque os participantes estão tentando excluir outros (embora este possa ser o caso), mas porque a partilha de uma história de aprendizagem acaba distinguindo aqueles que estavam envolvidos com aqueles que não estavam. Limites da prática não são geográficos; e eles não são necessariamente

visíveis ou explícitos. Por causa da inevitabilidade das fronteiras, há uma localidade inerente ao engajamento e à prática.

Tal perspectiva leva a uma suspeita de uniformidade nos sistemas sociais. Se um padrão é observado em toda a paisagem, a produção desta uniformidade precisa ser entendida em termos de produção local e interações de fronteira.

A nossa capacidade de saber é moldada em tais lugares de prática. Por exemplo, o corpo de conhecimento de uma profissão não é apenas um currículo. É uma paisagem inteira de práticas envolvidas não só no exercício da profissão, mas também a pesquisa, ensino, gestão, regulação, associação profissional e muitos outros contextos.

Neste sentido, as práticas são como miniculturas, e até mesmo palavras e objetos comuns não têm garantia de ter continuidade de significado fora do limite. Ao mesmo tempo, as fronteiras podem ser tanto uma fonte de aprendizagem como o núcleo de uma prática. O encontro de perspectivas diversas pode ser rico em novos conhecimentos e radical em inovações. Ainda assim essas novas descobertas não são garantidas, e a probabilidade de irrelevância faz do engajamento nos limites um potencial de desperdício de tempo e esforço. Na verdade, a competência não é bem definida nos limites. Isso significa que o potencial de inovação é maior, mas há o risco de perder tempo ou ficar perdido.

Tomando como referência a reflexão de Alvarenga (2003), uma das grandes dificuldades que vem sendo ressaltada nos processos de recepção e tratamento do conhecimento, para fins de preservação e acesso, constitui-se no fato de que as tentativas de classificar seres, coisas e textos que sobre esses são produzidos, reveste-se da constatação de que as coisas e os conhecimentos que lhe são correspondentes não se reduzem ao que deles pode ser visto explicitamente.

As coisas e conhecimentos poderão vir a ser devidamente compreendidos, a partir da atitude filosófica do compreender que, segundo Paul Ricoeur, significa o ato da interpretação criadora de sentido. Enfatiza-se o caminho de interpretar os conhecimentos produzidos a partir dos pensamentos das inúmeras comunidades técnico científicas e culturais e que o processo interpretativo, em toda a sua complexidade, tem conexão direta com as áreas de organização e recuperação de conhecimentos e informações.

Considerando o aspecto da representação simbólica do conceito, emerge o papel da terminologia, no contexto amplo da produção e organização de um lugar de produção de conhecimento como a ciência e a tecnologia.

Cervantes (2009), ao discutir a integração da Terminologia no contexto da Organização e Representação da Informação objetivando um modelo metodológico de

construção de tesouros, especialmente no que se refere à identificação de conceitos em áreas de especialidade, invoca autores para os quais a perspectiva simbólica e comunicacional deve ser enfrentada como é o caso de Gardin, Hjørland, Cabré e Temmermann.

Jean Claude Gardin, com seu *Léxico Documentário*, é considerado um dos primeiros pesquisadores a utilizar parâmetros linguísticos para a organização de um modelo de Linguagem Documentária. Usa o conceito de metalinguagem, como um sistema simbólico que faz a mediação entre textos e sua representação (GARDIN, 1974, apud KOBASHI, 1989, p.48).

Hjørland em sua abordagem orientada ao domínio (HJØRLAND; ALBRECHTSEN, 1995), aponta que as “ferramentas, conceitos, significados, estruturas de informação, necessidades de informação e critérios de relevância são moldados em comunidade de discursos” (HJØRLAND, 2002, p. 258). Por comunidades de discursos, o autor as define como aquelas nas quais ocorre um processo de comunicação ordenado e delimitado (HJØRLAND, 2002). Isto significa, como afirma Cervantes (2009), que noções expressas por meio dos termos e símbolos são influenciadas pelo contexto sociocultural. Uma linguagem focada em um contexto, ou seja, em uma área especializada, naturalmente elimina as possíveis diferenças e significado de uma palavra.

Cabré (1999), em sua Teoria Comunicativa da Terminologia, atribui dimensão discursiva à Terminologia. Temmermann (2004), em sua Teoria Sociocognitiva da Terminologia, questiona os princípios da Teoria Geral da Terminologia de Wuster, argumentando que princípios orientados exclusivamente à padronização tem como principal objetivo a unificação de conceitos e termos, o que é uma atividade socioeconomicamente motivada. A padronização uniformiza a compreensão e a comunicação a fim de transformá-las em mercadorias, mas que este é apenas um dos aspectos a serem analisados no âmbito de uma teoria da terminologia.

Outro aspecto importante levantado por Cervantes (2009) está relacionado à dinamicidade do universo terminológico e que demanda um enfoque diacrônico na construção destes instrumentos:

[...] a Terminologia constitui-se de estudos dinâmicos, porque se encontra a serviço da Ciência e da Tecnologia, que se desenvolvem com muita rapidez, provocando constantemente o surgimento de novos conceitos, novos termos que precisam ser identificados e confirmados em benefício do progresso da própria Ciência e Tecnologia. A dinâmica destas temáticas que estão em crescimento contínuo, representa diferentes problemas terminológicos a tradutores (ausência de equivalências para neologismos na língua de chegada), comunicadores (normalização de neologia no texto jornalístico) e bibliotecários (desatualização de linguagens documentais divididas por

disciplinas e carência de classificações para assuntos de áreas interdisciplinares para a indexação), correspondem a algumas das dificuldades apontadas por essa dinamicidade (BARITÉ, 2005 apud CERVANTES 2009).

Jacob e Shaw (1998) fizeram uma revisão das pesquisas que desenvolvem uma abordagem sociocognitiva para investigar processos de representação. Levantando suas debilidades e consistências descrevem esforços recentes para transferir o foco da representação do fenômeno cognitivo individual para as origens sociais da representação, dentro das comunidades discursivas. A representação é vista pelas autoras em um escopo mais amplo, no âmbito da ciência da informação, envolvendo indivíduos e grupos, concluindo que essa seria componente essencial dos processos de aquisição, organização, armazenagem e recuperação de documentos.

A questão da representação também é objeto de reflexão na abordagem fenomenológica da vida cotidiana na qual o termo linguagem, naturalmente, implica uso e vida social. Esta abordagem, segundo Porter (1993) inclui o estudo sócio-histórico da linguagem, a análise do poder do discurso “para definir, coagir ou permitir; para vitimizar e transformar em bode expiatório; para exercer hegemonia e organizar o consenso (...)”. Hymes (1993) ressalta que na construção de um entendimento das linguagens como parte da vida social, assume-se que a perspectiva a ser adotada é a da comunidade, cuja noção é dada (sociedade, grupo, região) como possuidora não de uma língua, mas de um repertório, uma série ou um conjunto de recursos comunicativos, cada um deles com uma adequação e significação própria.

Reforçamos então que a unidade de análise em questão, as comunidades de prática de pesquisa na UNIRIO, não é um fenômeno solitário. Elas se articulam por meio de um vocabulário. E se existe um vocabulário de determinada comunidade, quais os componentes do conjunto? De que forma contrastam uns com os outros? Em que dimensões? Como se pode reconhecer a presença do conjunto nos textos? A análise de casos, os modelos comparativos são um caminho.

Como nos lembra o próprio Porter (1993), graças às contribuições dos estudos feministas, aprendemos que a linguagem e os mundos conceituais e simbólicos por ela moldados são classificados em termos do gênero dos nomes. Tais estudos expuseram o vocabulário da usurpação masculina da autoridade linguística, além da exclusão tradicional das mulheres no debate da esfera pública; revelaram a operação de padrões duplos que não são menos linguísticos do que sexuais; chamaram a atenção para as operações de

discriminação linguística no lar e na família, como no casamento, no mundo acadêmico e no mundo do trabalho.

Conceber os nervos como constructos linguísticos é a ideia central da teorização de Rousseau (2004) acerca de uma “semiótica do nervo”. Engendrando discursos plurais, imbuídos de sexo, raça e classe social, os nervos teriam, segundo o autor, exercido poder e autoridade na Inglaterra setecentista onde eles eram tratados como o órgão mágico - em consonância com Wittgenstein, Rousseau (2004) se refere a um modo específico pelo qual as atividades linguísticas se encontram interligadas a práticas não linguísticas em um contexto particular. Também é visível, como pontua Rousseau (2004), ao propor uma semiótica dos nervos, como os doutores do iluminismo (anatomistas, médicos, fisiologistas) revelavam a face da ciência patriarcal da história da cultura do Ocidente, ao não conceber o gênero em base igualitária a ponto de proclamarem que os nervos masculinos e femininos, fonte de toda vida superior na criação, não tivessem estruturas idênticas. Em toda parte, a diferença entre os nervos masculinos e femininos era elaborada como a verdadeira fonte da disparidade entre os gêneros, presente na literatura da época ou em simples comentários anatômicos. A diferença essencial das mulheres era atribuída a um defeito, discursivamente representado como uma fraqueza inerente decorrente da falta de um vigor tônico nos nervos e fibras femininos.

Ainda como sugere Porter (1993), a própria comunidade da medicina apresenta um vocabulário formado por conceitos que servem para articular queixas, representar uma objetividade profissional e científica e criar sistemas sígnicos que já fazem parte de um vocabulário mais generalizado. Lima (2000), em seu artigo “A AIDS e outras falas: uma reflexão sobre metáforas e neologismos relacionados com doenças” adota um enfoque diacrônico e aborda que a história da medicina é rica no uso da metáfora militar relacionada ao combate das doenças e com consequências sociais muito graves que contribuem para a estigmatização de certas doenças e por extensão daqueles que estão doentes. Como os homossexuais, inicialmente, eram os mais atingidos pelo vírus da Síndrome da Imunodeficiência Adquirida (AIDS), a doença chegou a ser nomeada como “peste gay”. No entanto, outros segmentos sociais viriam a se infectar: os hemofílicos, usuários de drogas, etc., dando origem ao conceito de “grupos de risco”, que seriam os únicos ameaçados pela doença e que também representariam uma ameaça aos demais integrantes da espécie humana, naturalmente imunes. Os meios de comunicação, através dos noticiários, foram os responsáveis pela disseminação de muitos termos relacionados à AIDS a partir das primeiras evidências oferecidas pela medicina e de referências culturais dos mais diversos matizes.

Ainda segundo Lima (2000), no caso da AIDS evidenciou-se que a cada passo da pesquisa científica no campo da Medicina, novas expressões e sentidos diferentes foram se construindo conforme a realidade social e histórico-cultural dos enunciadores. A partir das inúmeras formas de enunciação da AIDS foi possível identificar como a sociedade vai construindo e reconstruindo a linguagem. A discriminação, o preconceito, a exclusão que aparecem por trás de cada novo termo, nova expressão são apenas a parte visível, materializada linguisticamente de uma cultura, de relações sociais, de conflitos ideológicos, de escolhas políticas ocorridas ao longo da história de uma determinada comunidade.

## **2.2 A Rede de Laboratórios de Pesquisa**

O universo da rede de laboratórios da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro é um dos muitos espaços que não são usualmente caracterizados enquanto unidades de informação, mas que concentram uma riqueza inquestionável de documentos e conhecimentos e constituem um espaço de memória, saberes e cultura que necessitam de muitas ações a serem exploradas no que tange identificação, organização e divulgação de saberes, a fim de promover as práticas de organização do conhecimento, preservação e educação patrimonial.

Com a operacionalização do projeto de extensão visamos levar à comunidade em geral e à comunidade científica os esclarecimentos sobre as formas de acesso ao patrimônio documental científico produzido pelas comunidades de pesquisa científica no âmbito da UNIRIO, e que deve ser disponibilizado a todos os pesquisadores e ao cidadão comum. A sua Fase I, identificada pelo período que se estendeu entre março 2014 a dezembro 2014 caminha para sua continuidade (Fase II) programada para 2015.

A Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO) é uma fundação de direito público integrante do Sistema Federal de Ensino Superior. Originou-se da Federação das Escolas Isoladas do Estado da Guanabara (FEFIEG), criada pelo Decreto-Lei nº 773 de 20 de agosto de 1969, que reuniu estabelecimentos isolados de ensino superior, anteriormente vinculados aos Ministérios do Trabalho, do Comércio e da Indústria; da Saúde; e da Educação e Cultura. A criação da FEFIEG propiciou a integração de instituições tradicionais, como a Escola Central de Nutrição, a Escola de Enfermagem Alfredo Pinto, o Conservatório Nacional de Teatro (atual Escola de Teatro), o Instituto Villa-Lobos, a Fundação Escola de Medicina e Cirurgia do Rio de Janeiro e o Curso de Biblioteconomia da Biblioteca Nacional.

Em 1975, a FEFIEG passou a denominar-se Federação das Escolas Federais Isoladas do Estado do Rio de Janeiro (FEFIERJ). Dois anos mais tarde, foram incorporados à FEFIERJ o Curso Permanente de Arquivo (do Arquivo Nacional) e o Curso de Museus (do Museu

Histórico Nacional). Atualmente conta com 05 Unidades Acadêmicas: O Centro de Ciências Exatas e Tecnologia (CCET); O Centro de Ciências Humanas e Sociais (CCH) O Centro de Ciências Jurídicas e Políticas (CCJP); O Centro de Letras e Artes (CLA), e o Centro de Ciências Biológicas e da Saúde (CCBS).

Em relação à participação de cada unidade acadêmica no universo das comunidades de prática da UNIRIO, o CCBS estaria representado com 68% dos 126 laboratórios mapeados na 1ª etapa do projeto, cabendo às outras unidades, respectivamente as seguintes participações: CCH e CLA com 15,08% cada; CCET com 1,59% e o CCJP com os 0,79% restantes. A Figura 01 representa esta participação, com as siglas das unidades acadêmicas exibindo um tamanho proporcional à sua participação no universo levado em conta.

Figura 01-Representação no Wordle da participação proporcional das unidades acadêmicas da UNIRIO no total das Comunidades de Prática.



Fonte: mapeamento dos laboratórios de rede UNIRIO

Tomamos como uma primeira referência o Centro de Ciências Biológicas e da Saúde (CCBS) que reúne os cursos de graduação e pós-graduação nas áreas de Biomedicina, Ciências Ambientais, Ciências Biológicas, Ciências da Natureza, Enfermagem, Medicina e Nutrição. Da perspectiva de infraestrutura, o CCBS congrega atualmente seis unidades: a Escola de Enfermagem Alfredo Pinto, a Escola de Medicina e Cirurgia, a Escola de Nutrição e os Institutos Biomédico (IB), de Biociências (IBio) e de Saúde Coletiva (ISC) estando localizado em quatro campi da UNIRIO: Urca, Tijuca, Botafogo e Centro.



presente no vocabulário especializado, é um ponto de partida. Buscamos na Ciência da Informação, notadamente na representação documentária, os modos de representação do conhecimento. Conforme Campos e Campos (2003), ao comparar os mecanismos de abstração presentes em teorias da Ciência da Informação, Ciência da Computação e Teoria da Terminologia, identificaram as teorias da Classificação Facetada de Ranganathan e do Conceito de I. Dahlberg, como as mais utilizadas na representação de sistemas de conceitos e que possibilitam a representação de domínios de conhecimento (PEREIRA; BUFREM, 2005).

Ainda conforme Pereira e Bufrem (2005), estudos sobre modelagem de domínios de conhecimento como o de Campos e Campos (2003) apontam princípios comuns ao processo de modelização, ou seja, “um núcleo comum de conceitos imprescindíveis ao ato de modelar o conhecimento” (CAMPOS; CAMPOS, 2003, p.135). Elas identificam um certo formalismo, que denominam de “movimentos do ato de modelar” descritos como:

[...] grupos de relações entre conceitos, sendo o primeiro deles a verificação da existência de relações categoriais; o segundo, a verificação dos modos de relação entre objetos de mesma natureza; o terceiro, a análise de como -o objeto se constitui-, ou seja, quais são suas partes e elementos; o quarto, em que se verifica como objetos de natureza diferente se relacionam e a forma mais consistente de representar esse relacionamento, a partir da determinação de alguns critérios prescritivos e o quinto verifica um dado tipo de relação que não mais se constitui entre conceitos, mas entre eles e a forma de expressá-los, ou seja, se dá no âmbito da língua, a chamada relação de equivalência”(PEREIRA; BUFREM, 2005).

### 3.1 REPRESENTAÇÃO DOCUMENTÁRIA

Há muito que as práticas desenvolvidas para resolver problemas do mundo real é um desafio. Elaborar representações efetivas demanda o entendimento da complexidade do mundo real entendido como um sistema e suas relações, conforme preconiza o paradigma sistemático.

A representação de conteúdos informacionais concretiza-se, no plano real, pelas operações de análise e síntese, que se verificam em plano lógico e também num contexto ontológico. Isso acontece na prática quando são criados códigos de classificação bibliográficos, tesouros, índices de sistemas de informação e resumos, produtos documentários que podem ser considerados “modelos” de representação de realidades.

Comumente usado para buscas especializadas e não para a indexação, propriamente dita, o tesouro, conforme definição do Programa UNISIST (1993, p. 6) para a área de Ciência da Informação, é identificado por dois aspectos: segundo a estrutura, como “um vocabulário controlado e dinâmico de termos relacionados semântica e genericamente cobrindo um

domínio específico do conhecimento” e segundo a função, como “dispositivo de controle terminológico usado na tradução de linguagem natural dos documentos, dos indexadores ou dos usuários numa linguagem do sistema”.

Pereira e Bufrem (2005) destacam o caráter interpretativo desse instrumento por sintetizar em cada descritor uma gama de significados, cuja seleção vai depender do contexto, das bases linguísticas, sociais e culturais e das estruturas “pelas quais se realiza a representação do conhecimento”.

Optamos por utilizar este instrumento de representação do conhecimento como “uma grade interpretativa” do repertório produzido no âmbito das práticas de pesquisa das nossas comunidades, concretizadas nas publicações de seus pesquisadores. Esta grade interpretativa pode ser construída na forma de um sistema de conceitos ou unidades de conhecimento, por sua vez, denotados pelos termos e explicados pelas definições.

Como mecanismo operativo, nessa estrutura destacam-se as relações lógicas (relação gênero/espécie, relação analítica e relação de oposição), as relações ontológicas (relação partitiva, relação de sucessão e relação material-produto), as relações de efeito (de causalidade, instrumental e de descendência) e as relações de equivalência. Portanto, a construção deste instrumento prescinde tanto do reconhecimento dessa estrutura complexa de conceitos e relações quanto da capacidade de controlar ou reordenar significados de modo a permitir ao usuário encontrar os termos mais significativos e relevantes para representar a ideia ou o conceito procurado.

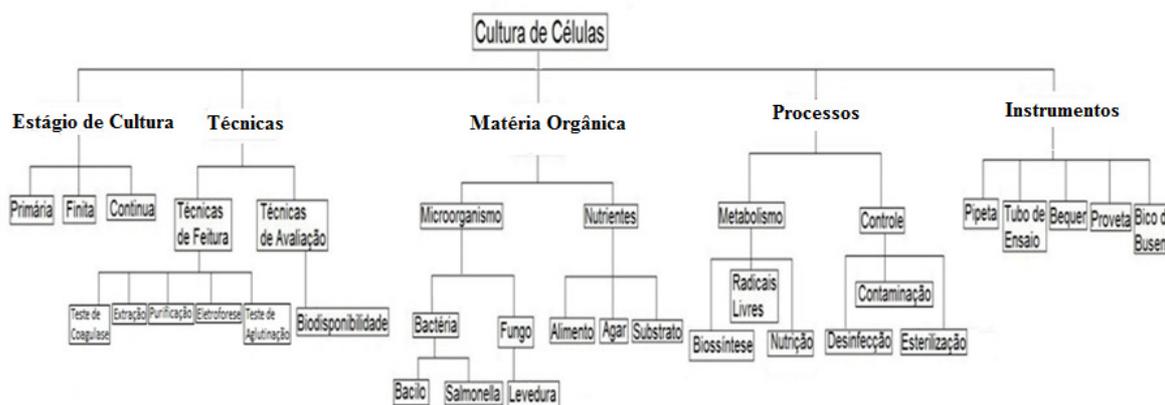
Além destes aspectos, a recente discussão metodológica para a construção de Sistemas de Organização e Representação do Conhecimento (SOCs) se aprofunda quanto às estratégias para a delimitação de um domínio. Barité e Fernández-Molina (2012) destacam a análise de domínio como o conjunto de aproximações teórico-metodológicas que vão dar conta da representação do campo temático compartilhado por uma comunidade de discurso. Neste conjunto, eles relacionam a estratégia *top down* ao método dedutivo na construção da estrutura conceitual de um SOC e identificam os autores que pontuam o fato de que os SOCs desenvolvidos a partir de uma estratégia *top down* são predominantemente hierárquicos, e defendem a estratégia *bottom-up* de construção de uma estrutura conceitual, uma vez que parte da análise indutiva dos termos usados na comunicação e prática cotidiana de uma comunidade para a representação de um determinado domínio.

No exemplo da Figura 03, apresentamos a estrutura conceitual destinada a construção de um microtesauro em uma área específica do conhecimento, no caso a Cultura de Células,

prática de pesquisa do o Laboratório de Cultura de Células, uma unidade ligada à Escola de Nutrição, que por sua vez faz parte de uma comunidade maior que é o CCBS.

Em acordo à estratégia *bottom-up*, para a composição de um corpus textual, foram selecionados cinco artigos científicos publicados em bases de dados virtuais, incluindo, para maior garantia literária, os trabalhos produzidos pela Escola de nutrição da UNIRIO através de seu laboratório de cultura de células, chefiado pelo professor Anderson Junger Teodoro. As linhas de pesquisas em andamento dentro do programa são: “Controle de qualidade de alimentos”, “Metabolismo de compostos bioativos”, “Alimentos funcionais” e “Ciência e tecnologia de alimentos”; sendo os seguintes os projetos de pesquisa: “Desenvolvimento de novos alimentos”, “Metabolismo de compostos bioativos e sua aplicação na prevenção de patologias” e “Avaliação e caracterização da qualidade de novos alimentos, seus processos produtivos e sua relação com a percepção do consumidor”. A construção deste microtesauro se propôs a representar a área de “cultura de células” com base nesses estudos. A estrutura conceitual para o microtesauro contou com trinta e quatro descritores (ou termos autorizados) e um não-descritor (ou termo não autorizado), totalizando, portanto, trinta e cinco termos. Para compor esta estrutura, foram identificadas relações entre os termos selecionados de subordinação e superordenação, representadas respectivamente pelas siglas TG e TE; especificamente as relações de gênero/espécie e as relações exemplares ou de tipo.

Figura 03- Mapa conceitual para representação do Laboratório de Cultura de Células do CCBS.



Fonte: trabalho final disciplina OCLD

Nesta primeira tentativa de representação do repertório do Laboratório de Cultura de Células, os alunos da disciplina OCLD 1º semestre de 2014 identificaram o campo semântico desta comunidade de prática, mas sem uma preocupação da identificação de conceitos que

buscam uma ordem simbólica própria no contexto de produção do conhecimento da área. O alcance deste trabalho, não foi o de analisar a partir da garantia terminológica, aspectos ideológicos ou diacrônicos, como foi mencionado na fundamentação teórica envolvendo as linguagens das comunidades de prática, mas identificar características de um campo interdisciplinar e as dificuldades advindas do ponto de vista da representação do conhecimento e recuperação da informação. A possibilidade de aprofundar do ponto de vista linguístico tendo como referência uma comunidade de prática é uma perspectiva que se coloca para o aprofundamento no campo da representação documentária.

#### **4 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Até o presente momento foram identificados no âmbito da UNIRIO, 126 comunidades de práticas e identificados e representados por meio de microtesauros os repertórios de 28 destes laboratórios. A categoria de análise Comunidades de Prática - CoPs para conceituar grupos profissionais dentro de instituições e organizações se mostrou eficiente para atingir os objetivos iniciais de levar à comunidade em geral os esclarecimentos sobre as formas de acesso ao patrimônio documental científico produzido por estas comunidades de pesquisadores da UNIRIO.

Por meio da identificação e do mapeamento das comunidades de prática envolvidas nas atividades de pesquisa da UNIRIO operacionalizamos a construção de uma abordagem de organização e representação do conhecimento produzido que apontam para importantes desdobramentos.

O primeiro a ser vislumbrado é a contribuição para favorecer a aproximação produtiva entre docentes de diferentes disciplinas, departamentos e grupos de pesquisa assim como entre alunos de graduação e de pós-graduação, estimular a circulação de ideias e permitir um ambiente mais colaborativo e uma cultura interdisciplinar.

Outro é relacionar a organização do conhecimento produzido em CoPs e ambiente inovador. Em investigação realizada junto a uma universidade do Reino Unido, escolhida pela busca em promover e estimular colaborações de investigação interdisciplinar através de uma série de iniciativas, Siedloka, Hibbert e Sillince (2015) contribuíram para o debate sobre a dinâmica do desenvolvimento de práticas e sua relação para o surgimento de comunidades colaborativas de praticantes a partir da caracterização das práticas que tornam este tipo de colaboração possível, e com o surgimento de uma comunidade que cria e apoia tais práticas colaborativas, baseadas principalmente no incentivo a uma cultura interdisciplinar.

E finalizando, em abordagem recente sobre a construção de um tesouro representativo dos estudos sobre gênero e da mulher, envolvendo uma comunidade de pesquisadoras feministas, esta autora reflete que ‘a construção do pensamento crítico elege a proposta de outra racionalidade, que não se pauta necessariamente na eficiência e na eficácia de tais instrumentos, mas que busca o diálogo e a participação, como uma postura crítica com o objetivo de agregar à construção de sistemas de organização do conhecimento as chamadas comunidades de prática nas estratégias *bottom-up* na representação documentária como outro desdobramento.

## REFERÊNCIAS

ALVARENGA, L. A teoria do conceito revisitada em conexão com ontologias e metadados no contexto das bibliotecas tradicionais e digitais. **Datagrama zero- Revist. De Ciênc. Da Inf.** – v. 2, n. 6, 2001. Disponível em: < [http://www.dgz.org.br/dez01/Art\\_05.htm](http://www.dgz.org.br/dez01/Art_05.htm) > Acesso em: 2 mar. 2015

BAECHER, T., TROWLER, P. R. **Academic tribes and territories**. Milton Keynes, UK: Open University Press, 1989.

BARITÉ, M. FERNÁNDEZ-MOLINA, C. Metodologias top-down y bottom-up de análisis de domínio: perspectiva desde la garantía literária. In: GUIMARÃES, J. A. C. ; DODEBEI, V. (Orgs.). **Desafios e perspectivas científicas para a organização e representação do conhecimento na atualidade**. Marília. FUNDEPE, 2012. p.67-70. Disponível em: <<https://www.marilia.unesp.br/Home/Extensao/CEDHUM/livro-isko-brasil-finalizado.pdf>>. Acesso em: 28 mar. 2014.

BJØRKENG, K.; CLEGG, S.; PITSIS, T. Becoming (a) practice. **Management Learning** n. 40, p. 145–159, 2009.

BOURDIEU, P. **Outline of a theory of practice**. Cambridge, UK: Cambridge University Press, 1977.

BROWN, J. S.; DUGUID, P. Organizational learning and communities-of-practice: toward a unified view of working, learning and innovation. **Organization Science**, v. 2, p. 40–57, 1991. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1287/orsc.2.1.40>>. Acesso em: 2 mar.2015

CABRÉ, M. T. **La terminología**: representación y comunicación: elementos para una teoría de base comunicativa y otros artículos. Barcelona: Institut Universitari de Lingüística Aplicada, 1999.

CAMPOS, M. L. A.; CAMPOS, M. L. M.. Princípios para a modelização de domínios de conhecimento: estudo comparativo entre abordagens da Ciência da Informação, Ciência da Computação e Teoria da Terminologia. In: COLOQUIO INTERNACIONAL DE CIÊNCIAS DE LA DOCUMENTACIÓN Y VI CONGRESO DEL CAPITULO ESPANOL DE ISKO, 4., 2003, Salamanca. **Anales...**, 2003. p. 135-144.

CERVANTES, B. M. N. **A construção de tesouros com a integração de procedimentos terminográficos**. 2009. Tese (Doutorado em Ciência da Informação)–Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Filosofia e Ciências, Marília, 2009.

FERLIE, E., FITZGERALD, L., WOOD, M., HAWKINS, C., The nonspread of innovations: the mediating role of professionals. **Academy of Management Journal**, n. 48, p. 117–134, 2005.

FOUCAULT, M. **Power/Knowledge: selected interviews and writings**. New York: Edited by Colin Gordon: PantheonFoucault, 1980.

FREEMAN, J. H., AUDIA, P. G. Community ecology and the sociology of organizations. **Annual Review of Sociology**, n. 32, p. 145–169, 2006.

GARDIN, J-C. **Les analyses des discours**. Neuchatêl: Delchaux et Niestlé, 1974.

GERTLER, M. S. Buzz without being there? Community of Practice in context. In: AMIN, A, ROBERTS, J. (Orgs.), **Community, economic creativity, and organization**. Oxford: Oxford University Press, 2008. p. 203–226.

GHERARDI, S. Practice? It's a matter of taste! **Management Learning**, n. 40, p. 535–550, 2009.

GIDDENS, A. **The constitution of society: outline of the theory of structuration**. California: University of California Press, 1984.

GOOCH, J. C. The dynamics and challenges of interdisciplinary collaboration: a case study of Cortical depth of Bench in group proposal writing. **IEEE Transactions on Professional Communication**, n. 48, p. 177–190, 2005.

HYMES, D. Posfácio. In: BURKE, P.; PORTER, R. (Orgs.). **Linguagem, indivíduo e sociedade**. Tradução de Álvaro Luiz Hattner. São Paulo: Ed. da UNESP, 1993. p. 431-453

HJØRLAND, B; ALBRECHTSEN, H. Toward a new horizon in Information Science: domain analysis. **Journal of the American Society for Information Science**, v. 46, n. 6, p. 400-425, 1995.

\_\_\_\_\_. Domain analysis in information science: eleven approaches – traditional as well as innovative. **Journal of Documentation**, London, v. 58, p. 422-462, 2002.

IBICT/SENAI. **Diretrizes para o estabelecimento e desenvolvimento de tesouros monolíngues**. Brasília, 1993. 86 p.

JACOB, E. K.; SHAW, D. Sociocognitive perspectives on representation. **Annual Review of Information Science and technology**, v. 33, p. 131-185, 1998.

KOBASHI, N. Y. Análise documentária: considerações sobre um modelo lógico-semântico. In: ANÁLISE documentária: considerações teóricas e experimentações. São Paulo: FEBAB. 1989.

KÖNIG, B. et al. A framework for structuring interdisciplinary research management. **Research Policy**, n. 42, p. 261–272, 2013.

LAVE, Jean. **Cognition in practice: mind, mathematics, and culture in everyday life**. Cambridge University Press, 1988.

LAVE J., WENGER, E. **Situated learning: legitimate peripheral participation**. Cambridge, UK: Cambridge University Press, 1991.

\_\_\_\_\_. Epilogue: situated learning and changing practice. In: AMIN, A., ROBERTS, J. (Eds.), **Community, economic creativity, and organization**. Oxford University Press: Oxford, 2008. p. 283-303.

\_\_\_\_\_; WENGER, E. **Situated learning: legitimate peripheral participation**. Cambridge, UK: Cambridge University Press, 1991.

LIMA, N. A AIDS e outras falas: uma reflexão sobre metáforas e neologismo relacionados com doenças. **Rev. de Letras**, v. ½, n. 9, p. 4-22, jan./dez. 2000.

MORAES, M. G. Linguagens documentárias e a construção do pensamento crítico: reflexões sobre o tesouro para estudos de gênero e sobre a mulher. **Tendências da Pesquisa Brasileira em Ciência da Informação**, v. 7, n. 1, jan./jun.2014.

NOOTEBOOM, B. Cognitive distance in and between communities of practice and firms: where do exploitation and exploration take place and how are they connected? In: AMIN, A., ROBERTS, J. (Eds.), **Community, economic creativity, and organization**. Oxford: Oxford University Press, 2008. p. 123-147

PEREIRA, E. C.; BUFREM, L. S.; Princípios de organização e representação de conceitos em linguagens documentárias. **Enc. BIBLI: R. eletrônica de Bibl. Ci. Inform.**, Florianópolis, n. 20, 2º sem., 2005.

PORTER, R. “Expressando sua enfermidade”: a linguagem da doença na Inglaterra georgiana. In: BURKE, P.; PORTER, R. (Orgs.). **Linguagem, indivíduo e sociedade**. Tradução de Álvaro Luiz Hattnher. São Paulo: Ed.da UNESP, 1993. p. 365-394

ROUSSEAU, G. S. **Nervous acts: essays on literature, culture and sensibility**. Houndmills, Basingstoke, Hampshire, New York: PALGRAVE MACMILLAN, 2004.

TERRA, J. C. Comunidades de prática: conceitos, resultados e métodos de gestão. **TerraForum**, 2005.

SIEDLOK, F. et al. From practice to collaborative community in interdisciplinary research contexts. **Research Policy**, n. 44, p. 96-107, 2015. Disponível em: <[www.elsevier.com/locate/respol](http://www.elsevier.com/locate/respol)>. Acesso em: 13 mar. 2014.

TEMMERMANN, R. Teoria sociocognitiva da terminologia. In: KRIEGER, M. G.; ARAÚJO, L. (Orgs.) A terminologia em foco. **Cadernos de Tradução**, Porto Alegre, v. 17, out./dez. 2004.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO. **PDI**: Plano de Desenvolvimento Institucional: 2012-2016, Rio de Janeiro, 2011.105 p.

VYGOTSKY, L. **Mind in society**: development of higher psychological processes. Harvard: University Press. 1978.

WENGER, E. **Communities of practice**: learning, meaning and Identity. Cambridge, USA: Cambridge University Press, 1998.

WORDLE. <<http://www.wordle.net/credits>>

---

<sup>i</sup> Usamos a sigla CoPs para denotar Comunidades de Prática enquanto categoria de análise